



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 23 - dezembro de 2019

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p74-87>

**A transgressão do discurso hegemônico da imprensa feminina nas
colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector**

**The transgression of the hegemonic discourse in the feminine press in
the columns by Tereza Quadros, a persona assumed by Clarice
Lispector**

*Tânia Sandroni**

RESUMO

Em 1952, Clarice Lispector produziu, sob a máscara de Tereza Quadros, a página “Entre mulheres” no jornal *Comício*, dirigido por Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Correa de Oliveira. A coluna trazia à leitora, ao lado de receitas e orientações domésticas (comuns na imprensa feminina), textos de outros autores (muitos deles citados no livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, naquela época ainda inédito no Brasil) e crônicas com temas e figuras clariceanos. Dessa forma, a página de Tereza Quadros não se constituía como um espaço modelador do estereótipo feminino, pois subvertia o discurso hegemônico da imprensa destinada a esse público, apresentando questionamentos sobre o papel e o comportamento das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas; Clarice Lispector colunista; Tereza Quadros

ABSTRACT

In 1952, Clarice Lispector produced, under the guise of Tereza Quadros, the column "Entre Mulheres" ("Among Women") in the newspaper *Comício (Rally)*, edited by Rubem Braga, Joel Silveira and Rafael Correa de Oliveira. In that column, the female reader would find recipes and domestic advice (a common feature in the feminine press), besides texts by other authors (many of them mentioned in Simone de Beauvoir's book *The Second Sex*, which at that time was still not known in Brazil), short accounts and narratives with themes and symbols typical of Lispector's literary work. In this sense, Tereza Quadros' column was not built as a mold for the female stereotype, for it subverted the hegemonic discourse present in the female-targeted press by posing questions about women's role and behaviour.

KEYWORDS: Literary accounts Clarice Lispector as a columnist; Tereza Quadros

* Universidade Paulista – UNIP – SP; Instituto de Comunicação e Ciências Sociais; São Paulo – SP – Brasil – tania.sandroni@docente.unip.br

Introdução

A obra literária de Clarice Lispector é objeto de inúmeros estudos acadêmicos, nacionais e internacionais. Recentemente, a produção jornalística da autora tornou-se objeto de maior divulgação e constituiu-se como tema de novas pesquisas¹. Como se sabe, a escritora manteve constante ligação com a imprensa ao longo de sua vida. Estreou como uma das primeiras mulheres em redações de jornais em 1940 na função de repórter e, até próximo da sua morte, escrevia crônicas para o *Jornal do Brasil*.

Entre a produção jornalística da escritora, destacam-se alguns textos que diferem bastante da sua obra literária. Por três vezes, Clarice Lispector atuou como colunista na imprensa feminina e, em todas as ocasiões, usou máscaras para camuflar sua face.

Neste artigo, será abordada uma dessas atuações da escritora na imprensa: suas colunas em uma seção feminina sob a máscara de Tereza Quadros. Em 1952, Clarice Lispector aceitou o convite de Rubem Braga para produzir uma página no semanário *Comício*, dirigido por ele, Joel Silveira e Rafael Correa de Oliveira. Mais tarde, no final da década de 1950 e no início da década de 1960, a escritora atuou como Helen Palmer no *Correio da Manhã* e como *ghost writer* da atriz Ilka Soares no *Diário da Noite*.

Ao analisarmos essa produção clariceana específica, notamos nítidas diferenças entre a primeira máscara e as demais. Tereza Quadros, das três, é a que subverte o discurso dominante da imprensa destinada às mulheres. Ao lado das tradicionais receitas e dos conselhos domésticos comuns, a colunista apresenta crônicas de autoria própria e citações de outros autores, provocando questionamentos acerca do papel social feminino. Na pesquisa, identificamos que a principal fonte de referência para Clarice Lispector na produção da página foi o livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, na época inédito no Brasil².

Considerando que a coluna feminina é um gênero discursivo instituído e a imprensa, um espaço simbólico das representações coletivas, essa página atua como

¹ Sobre esse assunto, destacam-se os trabalhos de Aparecida Maria Nunes. A sua dissertação, intitulada **Clarice Lispector jornalista**, foi apresentada em 1991 no Departamento de Literatura Brasileira da FFLCH – USP, sob orientação da Profa. Dra. Nádia Battella Gotlib; a tese de doutorado, intitulada **Páginas femininas de Clarice Lispector**, foi defendida em 1997 na mesma instituição e sob a mesma orientação. A autora também organizou as coletâneas *Correio feminino* e *Entre mulheres*, com textos das colunas escritas por Lispector.

² Cf. SANDRONI, Tânia. “A bela e a fera: a reafirmação e a subversão do estereótipo feminino nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector”. Tese defendida em 2018 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, sob orientação da Profa. Dra. Ivone Daré Rabello. Essa informação configura-se como um achado crítico da pesquisa desenvolvida.

veiculador de discursos destinados à mulher burguesa da época. Neste artigo, pretende-se mostrar como o discurso construído na seção “Entre mulheres” transgride o convencional, que restringe a mulher ao universo doméstico e ao papel secundário em relação ao homem.

Mesmo sem assumir uma postura militante ou convocatória, Tereza Quadros questiona o lugar da mulher na sociedade patriarcal por meio da escrita.

1 A coluna “Entre mulheres” e o semanário *Comício*

Em 1952, Clarice Lispector estava no Brasil, após ter vivido por cerca de oito anos na Europa, acompanhando o marido. Já era mãe de Pedro e, em breve, a família se mudaria para os Estados Unidos. Nesse ínterim, ela foi convidada a assinar a página “Entre mulheres” do semanário *Comício*, um jornal projetado e gerido por intelectuais. Além dos três diretores (Rubem Braga, Joel Silveira e Rafael Correa de Oliveira), a redação reunia nomes de destaque no cenário literário e jornalístico e outros que ainda seriam referência em décadas posteriores: Carlos Drummond de Andrade, Millôr, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Thiago de Mello, Cláudio Abramo, Otto Lara Resende, entre outros.

O veículo, com poucos recursos financeiros, tinha 32 páginas, em formato tabloide, e durou cerca de seis meses³. Apesar do curto período de vida, marcou a história do jornalismo brasileiro pela qualidade de seus profissionais e pela proposta de continuar a praticar o jornalismo nos moldes franceses, com características literárias e teor opinativo, e não se render ao modelo norte-americano dos manuais de redação (com a presença do *lead* e com a recomendação para a objetividade nos textos). Para Cláudia Mesquita (2008, p. 203), *Comício* era um “semanário político-opinativo, boêmio e descontraído”. Nas palavras de Fernando Sabino (1996, p. 126), “era um tabloide de aparência pobre e rico conteúdo”.

De acordo com a definição de seus diretores, *Comício* era uma publicação de esquerda, favorável à democracia, ao modelo de desenvolvimento nacionalista e antigetulista.

As características do semanário e de seus diretores permitiam que os colaboradores tivessem autonomia para produzir seus textos. Esse é um dos fatores que

³ O jornal era rodado na gráfica do *Última Hora*, de Samuel Wainer, e não conseguiu saldar sua dívida. Assim, sem qualquer aviso, o semanário deixou de circular por falta de capital.

explicam o fato de a página feminina de Tereza Quadros ser mais autoral, apresentando traços de Clarice Lispector, do que as produzidas posteriormente sob outras máscaras.

A seção “Entre mulheres” ocupava uma página inteira do jornal⁴ e a diagramação também era planejada pela escritora. Clarice Lispector produziu 17 edições e abandonou a função ao partir para os Estados Unidos, acompanhando o marido diplomata⁵.

A imagem⁶ a seguir mostra a coluna da nona edição de *Comício*.

Figura 1 – Seção “Entre mulheres”



Fonte: Acervo Rubem Braga

Como se observa, são vários os textos que compõem a página. Há aqueles que, ainda que de forma original, reproduzem, em menor ou maior grau, o discurso

⁴ Não havia uma página certa para “Entre mulheres”, mas ela sempre se localizava no meio do jornal, próxima à seção do Millôr.

⁵ Clarice Lispector foi colaboradora do jornal nas edições de 15 de maio a 12 de setembro de 1952.

⁶ Os exemplares do semanário atualmente se encontram disponíveis no acervo digital de Rubem Braga. Disponível em: <http://docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=AcervoRubemBraga>. Acesso em: 5 set. 2019.

convencional, reafirmando o estereótipo feminino. No entanto, há outros que subvertem esse estereótipo. Entre eles, encontram-se as crônicas produzidas pela colunista e as citações de trechos de terceiros. Essa prática já revela algo de pouco usual em relação às páginas femininas tradicionais que, em geral, quando se valiam de tal recurso, tinham uma orientação moralizante e normativa.

A ação contestadora da coluna foi, de certo modo, admitida por Clarice Lispector, na sua definição sobre Tereza Quadros: “[...] disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim.” (LISPECTOR; SABINO, 2001, p. 103).

2 A referência a outros autores e a influência de Beauvoir em Tereza Quadros

Antes do exemplar que ficou conhecido como o número 1 de *Comício*, houve uma tentativa de lançamento do jornal, que fracassou por uma série de falhas. Nessa edição-piloto, se assim podemos chamar, Clarice Lispector havia planejado inaugurar sua página com a referência ao texto de Virgínia Woolf, que apresenta discurso nitidamente crítico em relação às opressões sofridas pelas mulheres. Com a reedição do jornal, esse texto só saiu no segundo número, em 22 de maio de 1952.

A irmã de Shakespeare

Tereza Quadros

Uma escritora inglesa – Virginia Woolf – querendo provar que mulher nenhuma, na época de Shakespeare, poderia ter escrito as peças de Shakespeare, inventou, para este último, uma irmã que se chamaria Judith. Judith teria o mesmo gênio que seu irmãozinho Shakespeare, só que, por gentil fatalidade da natureza, usaria saias.

Antes, em poucas palavras, V. Woolf descreveu a vida do próprio Shakespeare: frequentara escolas, estudara em latim Ovídio, Virgílio, Horácio, além de todos os outros princípios de cultura; em menino, caçara coelhos, perambulava pelas vizinhanças, espiara bem o que queria espiar, armazenando infância; como rapazinho, foi obrigado a casar um pouco apressado; essa ligeira leviandade deu-lhe vontade de escapar – e ei-lo a caminho de Londres, em busca da sorte. Como tem sido bastante provado, ele tinha gosto por teatro. Começou por empregar-se como “olheiro” de cavalos, na porta de um teatro, depois imiscuiu-se entre os atores, conseguiu ser um deles, frequentou o mundo, aguçou suas palavras em contato com as ruas e o povo, teve acesso ao palácio da rainha, terminou sendo Shakespeare.

E Judith? Bem, Judith não seria mandada para a escola. E ninguém lê em latim sem ao menos saber as declinações. Às vezes, como tinha tanto desejo de aprender, pegava nos livros do irmão. Os pais intervinham: adoravam-na e queriam que ela se tornasse uma verdadeira mulher. Chegou a época de casar. Ela não queria, sonhava

com outros mundos. Apanhou do pai, viu as lágrimas da mãe. Em luta com tudo, mas com o mesmo ímpeto do irmão, arrumou uma trouxa e fugiu para Londres. Também Judith gostava de teatro. Parou na porta de um, disse que queria trabalhar com os artistas – foi uma risada geral, todos imaginaram logo outra coisa. Como poderia arranjar comida? nem podia ficar andando pelas ruas. Alguém, um homem, teve pena dela. Em breve ela esperava um filho. Até que, numa noite de inverno, ela se matou. ‘Quem’, diz Virginia Woolf, ‘poderá calcular o calor e a violência de um coração de poeta quando preso no corpo de uma mulher?’

E assim acaba a história que não existiu. (QUADROS, 22 de maio de 1952, p. 18).

Nesse texto, Tereza Quadros apresenta uma paráfrase de um trecho do ensaio “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf, em que a escritora inglesa imagina a trajetória de uma suposta irmã de Shakespeare. Publicado em 1929, como resultado de palestras proferidas em escolas para meninas, o ensaio defende a ideia de que, para uma mulher ser escritora, ela deve possuir as condições materiais de subsistência e independência. A metonímia do título do ensaio faz referência a essas condições.

Esses desafios não eram estranhos a Clarice Lispector; ela sempre foi tocada pelo tema do trabalho feminino e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para ter uma profissão. Ela retoma a questão na quinta coluna, com a citação de um trecho de E. Barlow⁷.

Se você pretende executar um trabalho que exija atenção e estudo, tome antes consciência de certas dificuldades: não ignorá-las é o primeiro passo para vencê-las.

Eis o que E. Barlow diz, entre outras coisas, sobre o trabalho feminino:

“É-me impossível escrever sobre o assunto de modo impessoal. Já me posso incluir entre as de idade madura. E creio que minha experiência se assemelha à de inúmeras mulheres. Não trabalhar pareceu-me sempre a mais destruidora das forças. As mulheres precisam ter, como qualquer ser humano, pelo menos a ilusão de realizar.

Mas um grande “handicap” temos que superar. Depois de passarmos anos e anos a realizar diariamente inúmeras tarefas desconexas, perdemos o hábito da concentração. Deixamo-nos acostumar com o mais devastador de todos os obstáculos – o da interrupção. Desde o primeiro choro do primeiro filho, aceitamos as interrupções como fato normal. Os homens enquanto trabalham estão protegidos. Além disso, dispõem de secretárias que se ocupam das coisas que mais os aborrecem e que lhes poupam mil distrações banais. Esse sistema é chamado eficiência.”⁸ (QUADROS, 12 de junho de 1952, p. 18).

⁷ Não foi possível identificar a autora e a obra citada.

⁸ Os textos foram transcritos do jornal. Os exemplares estão disponíveis no acervo digital de Rubem Braga.

Como estratégia, a colunista esconde-se na voz da autora citada, aderindo a ela. Vale-se, assim, de um argumento de autoridade, ainda que a leitora não tenha referências sobre E. Barlow. A autora lembra a importância de a mulher exercer uma profissão: “a mais destruidora das forças” é não ter a ilusão da realização.

Entretanto, o cotidiano e as obrigações femininas pouco favorecem o trabalho da mulher, especialmente se ele for ligado à produção intelectual. Nas biografias, aponta-se que Clarice Lispector estava acostumada com várias intromissões. Relata-se que ela costumava redigir com a máquina no colo enquanto cuidava dos filhos⁹.

Conforme destaca o texto da coluna, os homens não são incomodados com a miudeza do cotidiano e dispõem de mulheres contratadas só para poupá-los de aborrecimentos banais.

Esse mesmo discurso, com outra formulação, encontra-se na obra de Simone de Beauvoir, quando a escritora se refere às condições de estudo para as mulheres: “Quer a mulher viva com os pais, ou seja casada, raramente os que a cercam respeitarão seu esforço como respeitam o de um homem; impor-lhe-ão serviços, tarefas desagradáveis, cercar-lhe-ão a liberdade.” (1967, p. 467).

Por essa amostra, já é possível notar que Tereza Quadros selecionou textos destoantes do discurso comum da imprensa feminina e mais alinhados à imprensa feminista desde o início das suas colunas.

Nos anos em que esteve na Europa, a leitura foi grande companheira de Clarice Lispector. Nas cartas que enviava a amigos e, principalmente, às irmãs, a escritora mostrava-se, em geral, insatisfeita com a vida de esposa de diplomata e com o fato de estar distante do círculo de intelectualidade do Brasil.

Entre as leituras que fizeram companhia a Clarice Lispector no exterior, estão as obras de Sartre e de Simone de Beauvoir. Ela comenta em uma das correspondências com a irmã Elisa, em 30 de junho de 1947: “Querida, você me fala sobre Simone de Beauvoir, e eu fiquei vermelha de vergonha de não lhe ter mandado o livro: vou mandá-lo sem falta.”¹⁰ (LISPECTOR, 2007, p. 169).

⁹ Cf. GOTLIB, N. **Clarice**: uma vida que se conta. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

¹⁰ Até 1947, já haviam sido publicados na França os seguintes livros de Simone de Beauvoir: *A convidada* (1943); *O sangue dos outros* (1945); *Todos os homens são mortais* (1945) e *Moral da ambiguidade* (1947). Não é possível saber a qual livro Clarice Lispector se referia.

Essas leituras, certamente, foram fonte de inspiração para a produção de “Entre mulheres”. Vários fragmentos da obra de Beauvoir *O segundo sexo* foram traduzidos por Clarice Lispector e apresentados na página.

Na quarta coluna, por exemplo, ela coloca um texto do psiquiatra Wilhelm Stekel. O médico austríaco narra, em linguagem não técnica, casos clínicos de mulheres. Muitos deles são citados no volume 2 de *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, de onde provavelmente Clarice Lispector os tirou. No capítulo “A narcisista”¹¹, em que consta o caso escolhido pela colunista, Beauvoir discorre sobre como a frustração em projetos pessoais convida a mulher a voltar-se a si mesma. A falta de reconhecimento de sua singularidade, provocada pela rotina das tarefas domésticas, torna a mulher não realizada em seus projetos pessoais.

Entre os relatos de psiquiatria, a colunista escolheu um caso relativamente leve para a leitora do jornal:

Todos os anos, no Natal, madame H. W., pálida, vestida com cores sombrias, vem me ver para se queixar da sua sorte. É uma história triste que ela conta, vertendo lágrimas. Uma vida frustrada, um casamento fracassado!

Da primeira vez em que veio, comovi-me até as lágrimas, pronto a chorar com ela... Nesse ínterim, dois longos anos se passaram e ela continua a morar nas ruínas das suas esperanças, chorando sua vida perdida.

Seus traços acusam os primeiros sintomas de declínio, o que lhe dá nova razão para se lamentar. “Em que me transformei, eu, cuja beleza era tão admirada!” Multiplica seus lamentos, acentua seus desesperos porque todas as amigas conhecem sua sorte infeliz. Amola todo o [sic] mundo com suas queixas... O que lhe fornece nova oportunidade para se sentir infeliz, só é incompreendida.

Não havia mais saída para esse labirinto de dores... Essa mulher encontrava prazer no seu papel trágico. Embriagava-se ao pensamento de ser a mulher mais desgraçada da terra. Todos os esforços para fazê-la tomar parte na vida ativa falharam. (STEKEL *apud* QUADROS, 6 de junho de 1952, p. 18).

A colunista não faz qualquer comentário sobre o caso, deixando a interpretação por conta da leitora. A mensagem implícita mais imediata é a de que não se deve lamentar a vida e que se deve buscar reagir contra os problemas. A história também deve, no entanto, ser compreendida como um exemplo de que a vida da mulher que apenas cumpre seu “destino social” de se casar e abre mão de suas potencialidades, vivendo em um ambiente domiciliar aprisionante, com lugares fixos determinados pela

¹¹ O uso do termo refere-se ao uso do senso comum, e não às análises empreendidas pela psicanálise.

ordem patriarcal, será marcada pela amargura e por distúrbios psíquicos, contra os quais, muitas vezes, todos os esforços são considerados inúteis¹². A lamentação torna-se uma espécie de ambígua “glória pessoal”, com tintas masoquistas. A falta de um “final feliz” para o caso permite essa leitura, que também é reforçada pelo comentário de Beauvoir quando cita o caso: “Na falta de beleza, de brilho, de felicidade, a mulher escolherá uma personagem de vítima para si; obstinar-se-á em encarnar a mater dolorosa, a esposa incompreendida, será a seus próprios olhos ‘a mulher mais desgraçada do mundo.’” (1967, p. 450).

Na nona coluna, ela apresenta um trecho de Simone de Beauvoir, extraído do capítulo “A mulher independente”, de *O segundo sexo*.

Estou convencida de que a grande maioria dos mal-estares e doenças que atingem as mulheres tem causas psíquicas. É por causa da tensão moral de que eu falei, por causa de todas as tarefas que assumem, das contradições do ambiente no qual se debatem, que as mulheres estão constantemente cansadas, até o limite das forças. Isso não significa que seus males sejam imaginários: eles são reais e devorantes como a situação que exprimem. Mas a situação não depende do corpo, é este que depende dela. Assim, a saúde não prejudicará o trabalho da mulher quando esta tiver na sociedade o lugar de que ela precisa. Pelo contrário, o trabalho a ajudará poderosamente a obter um equilíbrio físico, não lhe permitindo que se preocupe com este sem cessar. (BEAUVOIR *apud* QUADROS, 11 de julho de 1952, p. 20).

A citação da filósofa coroa o perfil crítico e feminista da colunista e não deixa dúvidas sobre a importância que Clarice Lispector dava à profissionalização da mulher. Mesmo casada e mãe, a escritora não parou de escrever, e a existência de Tereza Quadros é uma prova de que ela não abandonou o jornalismo.

Casamento e maternidade eram considerados o destino feminino por natureza. Esse era o pensamento dominante da época, expresso por Simone de Beauvoir:

É precisamente o filho que, segundo a tradição, deve assegurar à mulher uma autonomia concreta que a dispense de se dedicar a qualquer outro fim. Se como esposa não é um indivíduo completo, ela se torna esse indivíduo como mãe: o filho é sua alegria e sua justificação. É por ele que ela acaba de se realizar sexual e socialmente; é, pois, por ele que a instituição do casamento assume um sentido e atinge seu objetivo. (1967, p. 247).

¹² Impossível não notar aqui o motivo do conto “A imitação da rosa”, em *Laços de família*.

Tereza Quadros também aborda a maternidade de modo nada convencional. Na 10ª coluna, apresenta a tradução de um trecho do texto *At the bay*, de Katherine Mansfield (1888-1923), autora muito admirada por Clarice Lispector e que, segundo alguns estudiosos, a influenciou. É importante ressaltar, contudo, que esse mesmo trecho se encontra no livro *O segundo sexo*.

Na página do semanário, a colunista colocou como chamada do texto o nome da escritora neozelandesa.

Linda franziu as sobrancelhas, acomodou-se na espreguiçadeira, prendendo os tornozelos com as mãos. Sim, essa era a sua verdadeira queixa contra a vida, aquilo que não podia compreender. Era a pergunta que fazia e refazia, esperando em vão pela resposta. Era muito simples afirmar que o destino comum das mulheres era ter filhos. Não era verdade. Ela, por exemplo, podia provar que não era verdade. Estava alquebrada, enfraquecida e perdera a coragem, através dos partos. E o que tornara tudo duplamente difícil de suportar é que não amava seus filhos. Inútil fingir. Mesmo que tivesse força, não teria cuidado das meninas, nem brincado com elas. Não era como se um hálito frio a tivesse gelado pouco a pouco em cada um desses dias horríveis: não tinha mais calor para dar-lhes. Quanto ao menino – bem, graças a Deus a avó tomava conta dele; ele pertencia à avó, a Beryl ou a quem o quisesse. Mal o havia tomado nos braços. Era-lhe tão indiferente que ao vê-lo deitado ali... Linda espiou-o rapidamente. O menino tinha se voltado. Estava deitado a encará-la e não dormia mais. Seus olhos azul-escuro [sic], infantis, estavam abertos, parecia estar espiando sua mãe. E de repente seu rosto encheu-se de covinhas, abrindo-se num sorriso amplo e desdentado, nada menos que uma perfeita radiação. ‘Aqui estou!’ parecia dizer o feliz sorriso. ‘Por que você não gosta de mim?’ Havia algo tão estranho, tão inesperado naquele sorriso que Linda também sorriu. Mas controlou-se e disse friamente: ‘Não gosto de crianças’. ‘Você não gosta de crianças?’ O garoto não podia acreditar. ‘Não gosta de mim?’ Agitou os braços totalmente para a mãe. Linda deslizou da cadeira para a grama. ‘Por que você continua sorrindo?’, perguntou-lhe severamente, ‘você não acharia graça se soubesse em que estou pensando’. Mas ele limitou-se a apertar os olhos, esperto, e rolou a cabeça no travesseiro. Não acreditava numa só palavra da mãe. ‘Já sabemos de tudo isso!’, sorriu-lhe o menino. Linda ficou tão espantada com a confiança dessa criaturinha... Ah, não, seja sincera. Não era isso que sentia; sentia algo muito diferente, algo tão novo, tão... As lágrimas dançavam nos seus olhos. Ela soprou num sussurro para o menino: ‘Alô, meu engraçadinho!’. (MANSFIELD *apud* QUADROS, 17 de julho de 1952, p. 18).

Trata-se de um texto impactante para uma coluna feminina, gênero que costuma propagar o discurso de que o casamento e, especialmente, a maternidade são as grandes realizações da mulher e que o amor materno é natural e inquestionável. Em 16 de maio

de 1957, por exemplo, o *Jornal das Moças*¹³ afirmava que “[...] o mundo continua porque a mulher não perde seu espírito de maternidade”.

Como foi dito, o trecho de Mansfield também está presente no livro *O segundo sexo*. No final de citação, diz a autora francesa:

Todos esses exemplos bastam para mostrar que não existe instinto materno: a palavra não se aplica em nenhum caso à espécie humana. A atitude da mãe é definida pelo conjunto de sua situação e pela maneira porque a assume. É, como se acaba de ver, extremamente variável. (BEAUVOIR, 1967, p. 277).

Dessa forma, fica nítida a atuação transgressora de Clarice Lispector na coluna “Entre mulheres”, oferecendo às mulheres burguesas brasileiras da década de 1950 leituras pouco convencionais, inspiradas, principalmente, na obra feminista de Simone de Beauvoir.

3 As crônicas de Tereza Quadros

Ao lado das citações a outros autores, a colunista também apresentava ao público textos autorais. Na terceira edição da coluna, a página traz uma crônica simples, mas significativa sobre a atuação de Tereza Quadros, intitulada “Garrafa ao mar”.

Garrafa ao mar

Encontramos um livro de etiqueta, sem capa, sem nome de autor ou data – o que lhe deu uma nobreza de documento achado em garrafa ao mar. Tornando por tais circunstâncias misterioso e cheio de autoridade, abrimo-lo como ouviríamos a verdade tão verdadeira que até anônima já era.

Abrimo-lo é modo de dizer. O livro abriu-se sozinho, numa página gasta certamente por mãos ansiosas por bem procederem na vida. O capítulo tratava de senhoras e elevadores. E, antes que as associações mais extravagantes nos ocorressem diante da aproximação insólita das duas palavras, lemos: uma senhora deve evitar de todo o modo viajar de elevador. As razões, o livro não as dá. Provavelmente seriam óbvias.

Mas nem por ser tão categórico, o autor deixou de ser realista ou benevolente. De fato acrescentava: no caso de ser absolutamente necessária tal viagem, que as senhoras se mantivessem sentadas.

Sentadas no elevador? Se encolhemos os ombros, tal não deveria ter sido a atitude da dona das antigas mãos que seguravam o livro. Ela talvez tenha estremecido: “Meu Deus, ontem mesmo fui obrigada a

¹³ *Jornal das Moças* era uma revista semanal destinada ao público feminino. Circulou de 1914 a 1965. Tinha, em média, 75 páginas, e o seu conteúdo era inspirado nos magazines ilustrados.

entrar no elevador... e fiquei de pé! ah, o que não devem ter pensado de mim!”.

Não nos cabe o direito de rir dessa aflição; outras, embora mais modernizadas, nós as temos.

O que nos ocorreu e que estava longe do autor foi a ideia de que um dia serviria, por um momento ao menos, para desvalorizar o imperativo da etiqueta e tirar a gravidade das gafes. E que sugeriria uma ideia infelizmente impossível de ser aplicada: a de que só se deveria ler livro de etiqueta depois que este ficasse perdido por uns cem anos. Quanto mais velho, mais útil. (QUADROS, 30 de maio de 1952, p. 19).

O título desperta curiosidade. A primeira associação que fazemos com a imagem é a de um pedido de socorro, que foi lançado em situação de perigo e que depende da sorte para atingir algum destinatário. A figura remete a algo fortuito, fantasioso.

A cronista fornece, no início, informações vagas a respeito da descoberta. A pouca precisão começa com o sujeito oculto, um “nós” não definido, e se completa com a falta do nome, da data e do autor do livro encontrado. Não se explicam as circunstâncias ou o local em que tal obra foi achada. O aspecto misterioso e antigo do livro parece suficiente para conferir autoridade e veracidade ao documento: nele, seriam encontradas verdades consolidadas. Estabelece-se um jogo ficcional que espera da leitora o não questionamento sobre a plausibilidade da narrativa.

Por acaso, o livro abre-se sozinho em uma página. A página aberta traz uma recomendação inusitada: mulheres não devem entrar em elevadores e, se o fizerem, devem permanecer sentadas. O livro não comenta porque as mulheres devem se comportar dessa maneira, o que acrescenta mais um fato inexplicado a essa crônica. Ironicamente a colunista afirma que os motivos deveriam ser óbvios, o que inicia o sutil questionamento da regra, marcado pelo uso do verbo no futuro do pretérito, “seriam”.

A cronista, então, aproxima-se de uma suposta leitora do manual de etiquetas e imagina sua fala diante de uma possível transgressão da regra. A mulher se aflige com o modo como as outras pessoas a teriam avaliado por ter usado um elevador¹⁴ – e em pé. A cena patética provavelmente é capaz de provocar riso na leitora, e a cronista, já prevendo isso, comenta que não se deve rir da aflição das mulheres de outras épocas, uma vez que “outras, embora mais modernizadas, nós as temos”. Nesse trecho, a colunista posiciona-se como mulher que está sujeita a comportamentos socialmente impostos – e que também podem se tornar obsoletos e risíveis.

¹⁴ Os elevadores passaram a ser mais comuns no Brasil no final da década de 1930. O primeiro elevador de alta velocidade havia sido instalado em 1926, justamente no prédio do jornal *A noite*, onde Clarice Lispector trabalhou como repórter, na década de 1940.

Ardilosamente, a colunista apresenta sua crítica ao “imperativo da etiqueta” e às normas comportamentais a que as mulheres se submetem. Não há como a leitora não concordar com a arbitrariedade e o ridículo da recomendação citada do livro, o que deveria induzi-la a questionar outras tantas a que está submetida.

No parágrafo final, em tom irônico, a colunista que, de acordo com a função instrutora de uma página feminina, supostamente deveria ensinar normas à sua leitora, subverte a importância e a utilidade de um manual de etiquetas, atribuindo-lhe apenas valor documental para que se conheçam hábitos e costumes de determinada sociedade.

Considerações finais

A página “Entre mulheres”, embora de breve duração, pode ser considerada uma experiência incomum e valiosa na imprensa feminina, não apenas porque foi elaborada por uma escritora do calibre de Clarice Lispector, mas porque foi planejada para subverter o discurso hegemônico nesse segmento jornalístico.

Essa transgressão foi construída pela combinação de citações de outros autores, muitos deles presentes no livro *O segundo sexo*, com a publicação de crônicas autorais.

Com essa estratégia e de forma sutil, a colunista contribuiu para ampliar o repertório das leitoras e para promover questionamentos acerca do comportamento das mulheres em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo e pelo machismo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Miliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1967, volume II.

LISPECTOR, C. **Correio feminino**. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006a.

LISPECTOR, C. **Só para mulheres**. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006b.

LISPECTOR, C. **Minhas queridas**. Organização de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, C.; SABINO, F. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MESQUITA, C. **De Copacabana à Boca do Mato**. O Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008.

NUNES, A. M. **Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas.** São Paulo: Senac, 2006.

QUADROS, T. Coluna Entre mulheres. **Comício.** Rio de Janeiro, 15 de maio a 12 de setembro de 1952.

SABINO, F. **Gente.** Rio de Janeiro: Record, 4. ed, 1996.

SANDRONI, T. **A Bela e a Fera: a reafirmação do estereótipo feminino e sua subversão nas colunas de Tereza Quadros, máscara de Clarice Lispector.** 218 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Data de submissão: 04/06/2019

Data de aprovação: 22/08/2019